DOI: 10.33148/CES.V40I2.2800

A ABORDAGEM NETNOGRÁFICA COMO POSSIBILIDADE DECOLONIAL DE PESQUISA EM AMBIENTES VIRTUAIS DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Ana Arruda[1]
Wagner Lins Lira[2]

RESUMO

Com o avanço nas discussões acerca da decolonialidade ao redor do mundo, é importante e imprescindível que essa discussão e práticas relacionadas também estejam presentes nos diferentes contextos acadêmicos e educativos, atravessando os muros da universidade e das escolas de ensino básico. Nos dias atuais, temos alcançado diferentes modos e meios de ensino/aprendizagem, como o caso da educação EAD e do ensino online, que, apesar de algumas limitações, também podem possibilitar o acesso ao conhecimento para pessoas de diferentes contextos sociais. Nesse contexto, diferentes movimentos sociais educativos têm buscado, através de diferentes abordagens, proporcionar um ensino mais inclusivo e acessível para classes subalternas. Desenvolver pesquisas acadêmicas decoloniais, especialmente na área de humanidades e da educação, deve ser um exercício de desobediência epistêmica que busca considerar as diversas formas e meios de construção de conhecimento, rompendo com a colonialidade do poder, do ser e do saber, que por muito tempo ditou – e ainda dita – quais conhecimentos devem ser considerados (culturas dominantes) e quais devem ser descartados (culturas subalternas). No artigo, buscamos analisar em que medida a abordagem etnográfica adaptada ao ambiente virtual (netnografia), pode ser utilizada em pesquisas educacionais como possibilidade metodológica decolonial. Para isso, buscamos considerar e analisar as características e contribuições dos métodos de pesquisa netnográfica, considerando uma pesquisa desenvolvida dentro de um curso de inglês online. Concluímos que, através da netnografia, é possível aproximar-se do contexto pesquisado de modo a compreender nuances e subjetividades que

1 ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5967-2838 - Filiação institucional: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - E-mail: ana.p.b.arruda21@gmail.com

2 ORCID: 0000-0002-5174-980X - Filiação institucional: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - E-mail: wagner.lira@ufrpe.br.

envolvem o ensino e aprendizado do idioma por um viés decolonial. Dessa forma, a teoria alinha-se com a prática e o compromisso social do/a pesquisador/a.
PALAVRAS-CHAVE: Etnografia; Netnografia; Decolonialidade; Pesquisa.

THE NETNOGRAPHIC APPROACH AS A DECOLONIAL RESEARCH POSSIBILITY IN VIRTUAL TEACHING/ LEARNING ENVIRONMENTS

ABSTRACT

With the advancement of discussions about decoloniality around the world, it is important and essential that this kind of discussion and related practices are also present in different academic and educational contexts, transcending the walls of universities and basic education schools. Currently, we have achieved different modes and means of teaching/learning, such as distance learning and online education, which, despite some limitations, can also enable access to knowledge for people from different social contexts. In this context, various educational social movements have sought, through different approaches, to provide more inclusive and accessible education for marginalized classes. Developing decolonial academic research, especially in the area of humanities and education, should be an exercise in epistemic disobedience that seeks to consider the diverse forms and means of knowledge construction, breaking with the coloniality of power, being, and knowing, which for a long time dictated – and still dictates – which knowledge should be considered (dominant cultures) and which should be discarded (subaltern cultures). In this article, we seek to analyze to what extent the ethnographic approach adapted to the virtual environment (netnography) can be used in educational research as a decolonial methodological possibility. To this end, we consider and analyze the characteristics and contributions of netnographic research methods, taking into account the multiple subjectivities of a research carried out within an online English course. We conclude that, through netnography, it is possible to approach the researched context in order to understand the nuances and subjectivities involved in the teaching and learning of the language from a decolonial perspective. In this way, theory aligns with the practice and social commitment of the researcher.
KEYWORDS: Ethnography; Netnography; Decoloniality; Research.

EL ENFOQUE NETNOGRÁFICO COMO POSIBILIDAD DECOLONIAL DE INVESTIGACIÓN EN ENTORNOS VIRTUALES DE ENSEÑANZA/APRENDIZAJE

RESUMEN

Con el avance de los debates sobre la decolonialidad en todo el mundo, es importante y esencial que esta discusión y las prácticas relacionadas estén presentes también en diversos contextos académicos y educativos, trascendiendo los muros de las universidades y las escuelas de educación básica. Actualmente, contamos con diferentes modalidades y medios de enseñanza/aprendizaje, como la educación a distancia y la educación en línea, que, a pesar de algunas limitaciones, también pueden facilitar el acceso al conocimiento a personas de diferentes contextos sociales. En este contexto, distintos movimientos sociales educativos han buscado, mediante diversos enfoques, ofrecer una educación más inclusiva y accesible para las clases marginadas. Desarrollar la investigación académica decolonial, especialmente en humanidades y educación, debería ser un ejercicio de desobediencia epistémica que busque considerar las diversas formas y medios de construcción del conocimiento, rompiendo con la colonialidad del poder, el ser y el saber, que durante mucho tiempo dictó —y aún dicta— qué conocimiento debe considerarse (culturas dominantes) y cuál debe descartarse (culturas subalternas). En este artículo, analizamos hasta qué punto el enfoque etnográfico adaptado al entorno virtual (netnografía) puede utilizarse en la investigación educativa como una posibilidad metodológica decolonial. Para ello, consideramos y analizamos las características y contribuciones de los métodos de investigación netnográfica, teniendo en cuenta las múltiples subjetividades de la enseñanza/aprendizaje en un curso de inglés en línea. Concluimos que, mediante la netnografía, es posible abordar el contexto investigado para comprender los matices y las subjetividades implicadas en la enseñanza y el aprendizaje del idioma desde una perspectiva decolonial. De esta forma, la teoría se alinea con la práctica y el compromiso social del investigador.

PALABRAS CLAVE: Etnografía; Netnografía; Decolonialidad; Investigación.

1 INTRODUÇÃO

Diante do crescimento nas discussões acerca do conceito de decolonialidade nos dias atuais, torna-se necessária a conscientização sobre a aplicação de abordagens decoloniais em pesquisas e estudos acadêmicos, uma vez que se busca avançar no desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva e plural. Afinal, como destacam Streck e Adams (Streck, Danilo; Adams, Telmo, 2012, p. 247), a pesquisa comprometida com os processos de mudança não pode estar alheia às novas configurações sociais

Compreende-se por decolonialidade um movimento epistemológico que busca a superação do eurocentrismo e da colonialidade, rompendo com a ideia de que o modo de vida, a religião, a ciência, a estética e a produção de conhecimento eurocentrados são superiores aos do resto do mundo, propondo-nos uma mudança de perspectiva epistemológica. Não se trata de negar o que vem de fora, mas de olhar para a nossa própria realidade através das nossas próprias perspectivas, mesmo (e principalmente) sendo elas subalternizadas.

Esse movimento tem como principais autores e defensores Aníbal Quijano (2019), através do conceito de "colonialidade do poder", Walter Mignolo e Catherine Walsh (2018), dentre tantos, que tecem críticas à perspectiva eurocentrista. Uma das premissas da decolonialidade é a de trazer para o centro da discussão vozes e conhecimentos subalternizados. Nas palavras de Catherine Walsh (2018, p.17), a decolonialidade busca: "reconhecer e desfazer as estruturas hierárquicas de raça, gênero, heteropatriarcado e classe", que, segundo a autora, controlam, entre outras coisas, o conhecimento.

De acordo com Aníbal Quijano (2005, 2009), o eurocentrismo é uma percepção que surgiu na Europa Central no início do Século XVII, considerando a Europa e os Estados Unidos como centros da história mundial, colocando outras culturas no lugar de periferia.

Como explicaremos no decorrer deste artigo, a etnografia, em tempos contemporâneos, pode representar um tipo de pesquisa qualitativa que considera a multidimensionalidade das interpretações culturais e sociais. Sendo assim, consideramos esta uma abordagem que pode ser utilizada em estudos decoloniais, pois busca romper com a colonialidade do ser, do saber e do poder, muitas vezes alimentada por pensamentos e métodos limitantes nos estudos acadêmicos.

Como defendem Dulci e Malheiros (2021, p.177):

> [...] metodologias decoloniais não são neutras, mas apresentam sensibilidade às demandas dos corpos colonizados,

> que estão dentro das zonas do "não ser" da modernidade, e, ao assumir esse lugar epistemológico, se propõem a elaborar um caminho, conforme cada pesquisa, para decolonizar esses corpos e suas realidades, que não são pretensamente universais, mas reais.

Segundo Marli André (2013), a abordagem etnográfica preocupa-se, principalmente, com os significados que têm determinados eventos para indivíduos nos contextos em que atuam. Dessa forma, pesquisas desenvolvidas por meio de abordagens etnográficas, por sua essência, podem contribuir positivamente na compreensão de eventos através da experiência e imersão em campo e nas dinâmicas daquelas/es envolvidas/os, pois nos oferecem uma perspectiva metodológica e epistemológica de um modo dialógico, possibilitando que diferentes vozes façam parte diretamente da construção e produção de conhecimento, tendo como base suas vivências.

Ao mesmo tempo em que se avançam as pesquisas decoloniais, nos últimos anos temos acompanhado um crescimento de processos educativos em ambientes virtuais, especialmente após a pandemia de Covid-19 (Silva, Coutinho, 2024). Especificamente nesses contextos, ao utilizar-se de métodos etnográficos de pesquisa, deve-se fazer algumas adaptações, de modo a possibilitar uma análise densa dos eventos estudados à distância. Chamamos de netnografia a etnografia desenvolvida em ambiente virtual (Kozinets, 2014).

Neste artigo, temos como objetivo analisar questões acerca da seguinte pergunta: de que modo a abordagem do tipo netnográfica pode contribuir para abordagens decoloniais de pesquisa desenvolvidas em contextos virtuais de ensino e aprendizagem?

Para compreender melhor como a abordagem netnográfica pode atuar como possibilidade metodológica decolonial de pesquisa em ambientes virtuais de ensino/aprendizagem, teremos como base uma pesquisa de Mestrado desenvolvida recentemente em um contexto de ensino de inglês online (Autora, 2025). Na referente pesquisa, foram utilizados os seguintes métodos netnográficos: observação participante, entrevistas e análise de documentos. O nosso intuito principal é analisar tais contribuições também sob uma perspectiva decolonial.

2 PESQUISAS ETNOGRÁFICAS/ NETNOGRÁFICAS E DECOLONIALIDADE

Como descrito anteriormente na introdução, a decolonialidade como perspectiva teórica surgiu no campo das ciências sociais e humanidades, na América Latina,

como uma epistemologia que pressupõe a superação do eurocentrismo e da colonialidade, buscando "reconhecer e desfazer as estruturas hierárquicas de raça, gênero, heteropatriarcado e classe", como aponta Catherine Walsh (2018, p.17).

Miranda e Riascos (2016, p. 1072) sugerem que podemos compreender o pensamento decolonial como uma chance de incorporarmos uma diversidade de saberes e conhecimentos que antes eram invisibilizados (p.560), como se propõe, similarmente, a perspectiva etnográfica contemporânea (Derrida, 1971).

A etnografia, nas ciências sociais, pode ser entendida, tanto como um método, quanto como um produto que resulta de um processo vivencial e dialógico na pesquisa qualitativa (Fragoso *et al*., 2011, p. 168). Em outras palavras, a etnografia pode ser considerada um conjunto de técnicas utilizadas em estudos qualitativos que apresenta os resultados da pesquisa de forma descritiva e interpretativa (Geertz, 2008).

Uma das vantagens da abordagem etnográfica é que ela nos permite compreender as comunidades e suas particularidades por meio do ponto de vista de seus membros. O intuito principal de pesquisas etnográficas é estudar e compreender como um grupo vive, pensa e se organiza, a partir da imersão direta no cotidiano das pessoas. Trata-se de estudos em torno dos significados culturais, cuja estratégia principal é a da imersão mais aprofundada no lócus de pesquisa, junto aos sujeitos ali inseridos, a fim de obter uma descrição densa e interpretativa (Geertz, 2008).

De acordo com Jacques Derrida (1971, p.234 *apud* Carvalho, 2001, p.110), a possibilidade crítica e decolonial da perspectiva etnográfica surgiu "(...) no momento em que a cultura europeia foi descolada, expulsa do seu lugar, deixando então de ser considerada como a cultura de referência". Consideramos, portanto, a metodologia etnográfica contemporânea como uma possibilidade decolonial de pesquisa, justamente, pelo respeito que exige aos valores e práticas dos grupos pesquisados, considerando as realidades das/dos sujeitas/os envolvidas/os. Em outras palavras, atualmente, do ponto de vista epistemológico, a etnografia dialoga com a decolonialidade no sentido da busca pelo rompimento com métodos e abordagens de pesquisa eurocentradas.

É importante enfatizar que a etnografia apresenta-se como método de pesquisa flexível e dinâmico, pois permite que as abordagens epistêmicas sejam reformuladas e repensadas no decorrer da pesquisa, para abranger a compreensão social e cultural da realidade do campo estudado. Dessa forma, a tônica descritiva e interpretativa busca considerar as múltiplas dimensões e significados tecidos pelas interações sociais no contexto de pesquisa, por meio de análise e interpretação crítica dos fenômenos (Minayo, 2022). Nesse sentido, a observação participante e a entrevista semiestruturada

mostraram-se adequadas aos objetivos da pesquisa, articulando-se à abordagem etnográfica e à perspectiva decolonial que orienta a produção e a interpretação dos dados.

Apesar de tal flexibilidade, pesquisas etnográficas, de acordo com Martucci (2001), assumem duas características essenciais. A primeira diz respeito ao trabalho de campo, pois são pesquisas que exigem contato direto e prolongado com o campo, para que a/o pesquisadora/or possa compreender aspectos essenciais que não são perceptíveis de imediato.

A segunda característica desse método de pesquisa é a utilização de um conjunto de técnicas, geralmente composto pela observação participante, pelas entrevistas semiestruturadas e pela análise documental (Martuci, 2001).

Nesses termos, consideramos a observação participante, a análise de materiais e a entrevista semiestruturada como técnicas de levantamento de dados e informações compatíveis com a abordagem etnográfica e alinhadas à perspectiva decolonial que fundamenta nossa pesquisa.

De acordo com Minayo (2016), a observação participante permite a compreensão da realidade de uma forma mais prática, pois a/o pesquisador/a se coloca no lugar de observador/a, ao mesmo tempo em que participa das práticas cotidianas do grupo observado, o que possibilita a compreensão de fenômenos e aspectos subjetivos que não podem ser compreendidos apenas por meio de perguntas ou análise de documentos.

Para essa etapa, é necessário manter um diário de campo, um caderno no qual devem ser anotadas questões relevantes e demais percepções da/do pesquisadora/or.

Já a entrevista semiestruturada serve como uma etapa de igual importância, uma vez que traz a voz das/dos envolvidas/os para o centro da discussão de forma mais direta, ocupando o lugar de sujeitos da pesquisa, contribuindo diretamente para o entendimento de questões que as limitações interpretativas da/do pesquisador/a não consigam consolidar suficientemente através da observação (Minayo, 2022). No sentido decolonial, essa etapa também permite uma relação horizontal entre os pares, uma vez que evita reduzir o posicionamento das/dos envolvidos a meros objetos de pesquisa.

Para Manzini (1990/1991), a entrevista semiestruturada é aquela em que se cria um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões relacionadas às circunstâncias que possam surgir durante a entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas" (1990/1991, p. 154).

A utilização da abordagem etnográfica no contexto escolar, de acordo com Marli André (2013), surgiu no final da década de 1970, mas foi na década de 1980 que pesquisas etnográficas ganharam popularidade, tornando-se "quase um modismo" na

área de Educação. Muitos trabalhos foram produzidos em forma de dissertações, teses e pesquisas realizadas por docentes de pós-graduação. O crescimento dessa abordagem na educação tem sido cada vez mais importante na busca por compreensões sobre as diferentes vivências escolares e novos formatos de ensino atuais, como é o caso daquelas que acontecem através de ambiente virtual.

Diferentes autores nomeiam de formas distintas pesquisas etnográficas aplicadas ao ambiente online. Termos como etnografia digital, etnografia virtual e webnografia são utilizados para definir essa modalidade de pesquisa. Por seu turno, Kozinets (2014) chama de netnografia as pesquisas etnográficas desenvolvidas em ambientes virtuais.

Nesses termos, Polivanov (2013) discute essas nomenclaturas e aponta que, em alguns momentos, elas são tratadas como sinônimos, enquanto, em outros, assumem significados específicos. Segundo a autora, as discussões e implicações decorrentes da adoção de um ou outro termo concentram-se, sobretudo, no debate acerca do ciberespaço ser ou não compreendido como um lugar.

Ao se refletir sobre os pressupostos de Hine (2000), Polivanov conclui que o ciberespaço não pode ser entendido como um não-lugar, pois representa um lugar "onde a cultura é constituída e reconstituída" (Hine, 2000, p. 9 *apud* Polivanov, 2013, p.63). Ainda de acordo com a autora, ao pensarmos o ciberespaço como um lugar, é que se torna possível estudar como as pessoas fazem o que fazem, por que fazem e como fazem. No entanto, assim como acontece em outras metodologias de pesquisa, mover a etnografia para um ambiente virtual requer que sejam reexaminadas as formas como é implicada a metodologia (Hine, 2000, p. 21).

Em outras palavras, as abordagens principais da netnografia costumam ser as mesmas da etnografia, mas as adaptações das técnicas etnográficas para uma pesquisa online devem ser orientadas de forma a adequar-se ao contexto social escolhido para a pesquisa, nesse caso, o ambiente virtual.

De acordo com Kozinets (2014, p.62), a netnografia deve seguir os mesmos passos de pesquisas etnográficas, sendo eles: 1. Planejamento do estudo; 2. Entrada em campo; 3. Levantamento de dados; 4. Análise interpretativa; 5. Garantia de padrões éticos e 6. Representação da pesquisa. Vale salientar que todas essas fases estão interconectadas, não se tratando de um processo linear. Além disso, serão as intenções e necessidades do/a pesquisador/a, de acordo com o contexto de pesquisa, que irão ditar como os caminhos serão percorridos.

Kozinets sugere ainda, que na netnografia, o/a pesquisador/a deve elencar três tipos de dados: 1. Dados arquivais (copiados das interações mediadas por computador

nas quais ele não está diretamente envolvido); 2. Dados extraídos (criados em conjunção com os membros do grupo através de interação - o que inclui comentários e entrevistas) e 3. Dados de notas de campo (anotações feitas pelo/a próprio/a pesquisador/a/observador/a).

Dito de outro modo, a/o pesquisadora/or, na netnografia, precisa desenvolver a análise e a interpretação dos dados a partir das informações produzidas por meio de seu olhar crítico enquanto participante. Essa orientação metodológica guiou o desenvolvimento desta pesquisa e será apresentada no decorrer deste artigo.

3 CONTEXTO DA PESQUISA

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem netnográfica realizada em ambiente online desenvolvido para aulas de inglês, em 2024, resultando em uma Dissertação de Mestrado em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI/UFRPE) defendida, no ano de 2025, pela autora. Diferentemente da pesquisa original, que buscou compreender a afrocentricidade no ensino de inglês, neste manuscrito discorremos acerca da metodologia utilizada (netnografia), analisando-a como uma possibilidade decolonial de método qualitativo de pesquisa em estudos acadêmicos desenvolvidos em ambientes virtuais.

O nosso lócus de pesquisa foi a escola de inglês *Odara English School*, cujo projeto decolonial de ensino se dava[3] através do ambiente virtual para alunos e alunas negros/as de todo o Brasil. Fundada pela professora e poetisa Ryane Leão, a Odara trazia uma proposta de ensino de inglês por meio de uma abordagem decolonizadora e afrocentrada (Arruda, 2025). Entre os objetivos principais elencados pelo curso, estava a intenção de possibilitar e facilitar o acesso à língua inglesa para a população negra e fortalecer a sua autoestima, unindo o aprendizado da língua com o conhecimento da história e da cultura afrodiaspórica.

A escola foi fundada inicialmente no formato de ensino presencial no centro da cidade de São Paulo, de modo que nos últimos anos a escola passou a propor aulas *online* através da Plataforma *Zoom*, inicialmente devido à pandemia da Covid-19, fato que ampliou o acesso para pessoas de todo o país.

Entre as características principais do curso ofertado, estava o sentimento de empoderamento e afeto construídos em coletividade entre seus membros e que resultavam em um aprendizado do idioma mais atrativo e efetivo (Arruda, 2025).

3 A escola Odara English School anunciou o término de suas atividades no final de 2025.

Para a pesquisa que pretendíamos desenvolver, foram escolhidas duas turmas do curso: uma de nível pré-intermediário e uma de nível intermediário. As aulas aconteciam uma vez na semana, com duração de 1h15m cada. A abordagem afrocentrada de ensino era a base das aulas e dos materiais utilizados, trazendo um senso de identificação, aquilombamento e empoderamento para as pessoas envolvidas no curso: tanto professores/as quanto alunas/os.

A metodologia de pesquisa utilizada, como mencionamos, foi a netnografia (Kozinets, 2014). Optamos por seguir o estudo por esse viés, tanto como uma forma de adaptar-se ao ambiente virtual escolhido para pesquisa, quanto pelo desejo de aproximação com o grupo e as pessoas pesquisadas. Assim fizemos, através de observação participante das aulas, análise dos materiais desenvolvidos e utilizados, além de entrevistas semiestruturadas.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

O primeiro passo para o desenvolvimento da nossa pesquisa netnográfica, assim como defendido por Kozinets (2014), foi um planejamento de estudo. Como o próprio nome já diz, significa decidir sobre o que e como irá se desenvolver a pesquisa, tanto em questões organizacionais, quanto éticas.

Isso inclui também ter uma pergunta de pesquisa clara e ler outros estudos relacionados para construir uma base de conhecimento prévio. Nosso planejamento de estudo foi apresentado como projeto de pesquisa no exame de qualificação da dissertação, já trazendo bases referenciais importantes que embasaram nossos objetivos iniciais. A busca por referenciais se deu a partir de pesquisas sobre temas, estudos e abordagens semelhantes às que pretendíamos desenvolver, de modo a compreender caminhos possíveis que pudessem ser seguidos.

Kozinets (2014) afirma que é a partir desse planejamento e através de uma apresentação formal para com o grupo a ser estudado que deve acontecer a entrada em campo (segundo passo). Já que uma pesquisa netnográfica deve ocorrer através de observação participante, o autor ressalta que é importante para a/o pesquisador/a ter previamente em mente como irá interagir com a comunidade online. Segundo ele, é importante que a/o pesquisadora/or aja como um novo membro da comunidade desde o primeiro contato, ao mesmo tempo em que deixe explícito que está a desenvolver uma pesquisa.

Assim, nós nos apresentamos às organizadoras do curso de inglês antes mesmo da qualificação, como forma de garantir que o desenvolvimento da pesquisa fosse pos-

sível. Esse contato aconteceu via email, com a apresentação dos objetivos e métodos que pretendíamos seguir. Fomos acolhidos pelas organizadoras do curso, que prontamente aceitaram e apoiaram nossa iniciativa. Alunas/os e professoras/es também foram comunicadas/os sobre a pesquisa que seria desenvolvida em conjunto com elas/es.

Nosso terceiro passo, a entrada em campo, se deu nos dias 9 e 11 de abril de 2024, nas duas turmas escolhidas, sendo uma de nível intermediário de inglês e outra de pré-intermediário, respectivamente. Ambas as turmas e professores se mostraram muito receptivos e felizes pela visibilidade dada ao curso. Desde este primeiro contato, tivemos um caderno reservado para as notas de campo e anotações relevantes sobre o que foi observado nas aulas.

O levantamento de dados na netnografia não deve acontecer isoladamente da análise interpretativa, de acordo com Kozinets. Ele defende que o ideal é que a/o pesquisador/a alterne entre a experiência e a teoria, buscando, a todo momento, fazer uma ligação entre a prática dentro do campo e as leituras feitas previamente.

Em nosso caso, as observações e anotações, desde o primeiro momento, já traziam o teor crítico e analítico . Além do caderno para anotações de algumas falas das/os professoras/es e alunas/os, além de questões relacionadas à nossa interpretação, também dispomos de um documento na plataforma Canva, na qual prints das atividades e materiais foram registrados para posterior análise. Essa é uma forma prática para registros em ambientes virtuais, onde tudo é visualizado e acessado através da tela.

O contato direto com alunas/os e professoras/es do curso, participando ativamente dos encontros, observando as interações, nos aproximou não apenas uns dos outros, mas também nos trouxe uma compreensão acerca de uma diferente forma de trabalhar o idioma: considerando a história e a cultura negra no ensino do inglês.

A etapa de observação também nos possibilitou compreender a importância da interação afetiva entre os indivíduos, que trocavam mensagens de carinho durante os encontros, mas também nos grupos de WhatsApp, onde sempre demonstravam grande satisfação pelo aprendizado na metodologia utilizada.

Para a pesquisadora, professora de inglês formada na Graduação em Letras - Inglês, a observação participante também trouxe diferentes perspectivas de ensino que não foram consideradas durante sua formação, ou seja, essa também foi uma importante contribuição da pesquisa netnográfica, através da observação participante. A abordagem decolonial da pesquisa também foi capaz de fortalecer e estimular o pensamento decolonial da pesquisadora em suas práticas pedagógicas.

Compreendemos que a fase de observação participante nos possibilitou a construção de uma relação sujeito-sujeito entre integrantes do grupo e a pesquisadora, por

meio de processos de interação e sociabilidades, uma vez que a pesquisadora buscou se posicionar também como uma aprendiz dos conhecimentos compartilhados pelos grupos. Nesse caso, estivemos diante de "um mergulho na cultura" que nos ajudou "a olhar para nós mesmos, tal qual um espelho" (Neves; Vanessa, 2006).

Em outras palavras:

> [...] "observar significa ver o que acontece no entorno e, é claro, também ouvir e sentir. Participar significa fazê-lo a partir de dentro da corrente de atividades através da qual a vida transcorre, concomitante e conjuntamente com as pessoas e coisas que capturam a atenção que se dispensa a elas" (Ingold, 2014, p.407).

Ao final das observações, pudemos obter um repertório expandido, tanto acerca do modo emergente de construção de conhecimento do idioma por um viés diferente do que estamos acostumados (o ensino tradicional), quanto sobre as nuances que englobam a coletividade e afeto construídos entre os membros do grupo estudado, e, apesar de ser em um ambiente virtual com ensino à distância, consolidou uma maior motivação para estudar e aprender esse idioma considerado global.

Entre o que foi observado, destacamos as interações entre alunas/os e professoras/es, o incentivo a usar o idioma sem medo ou vergonha de errar, a consideração de suas diferentes realidades e o desenvolvimento de atividades diversas, com diferentes fontes e referências. O posicionamento decolonial na observação participante também nos permitiu uma reflexão acerca de nossas próprias práticas educativas, contribuiu para nosso desenvolvimento pessoal e profissional, trazendo um olhar mais receptivo para essa modalidade educativa emergente.

A realização de entrevistas, ao final da etapa de observações, permitiu um aprofundamento acerca de fenômenos e interpretações dos sujeitos envolvidos no contexto de pesquisa, elucidando questionamentos e pontos de vista que a observação não conseguiu atingir. Através de chamadas de vídeo via *Google Meet*, as pessoas responderam perguntas desenvolvidas previamente (entrevista semiestruturada) e também tiveram espaço para demais considerações que achassem pertinentes a respeito de suas práticas e experiências com o curso de inglês online.

Nossa percepção acerca da decolonialidade na netnografia através das entrevistas dialoga com o que defende Paulo Freire (2023), que alude à importância de falar com os sujeitos, e não sobre eles. Dessa forma, não consideramos apenas as interpretações da pesquisadora, mas também as narrativas dos que faziam parte do curso. A análise interpretativa dos dados, de forma mais detalhada, é o próximo passo a ser seguido

pelo/a netnógrafo/a, segundo Kozinets (2014). Por esse ângulo, buscamos, em nossa pesquisa, seguir uma análise hermenêutica, que segundo Arnold e Fischer (1994), é aquela que deve buscar interpretações que sejam: "respaldadas com exemplos relevantes", (...) e produtoras de "insights" que revisem explicitamente nosso atual entendimento" (Arnold; Fischer, 1994, p. 64 *apud* Kozinets, 2014, p.115). Essa análise foi uma junção das anotações do diário de campo, prints e registros de materiais e entrevistas.

Destacamos que a análise interpretativa já vinha ocorrendo durante as observações em campo e no decorrer das entrevistas, e, especialmente na etapa de transcrição das falas das/dos entrevistadas/os, uma vez que era necessário não apenas interpretar, mas elencar categorias de análise que mais se destacaram (Arruda, 2025). No decorrer de nossa análise, seguimos os quatro passos delineados por Minayo (2022, p. 79) para a análise dos conteúdos emergentes: (1) categorização; (2) inferência; (3) descrição; e (4) interpretação.

De acordo com Minayo, a etapa de categorização pode ser realizada previamente pela/o pesquisador/a, com base em um conhecimento sólido sobre o assunto a ser analisado. Elencamos, inicialmente, duas categorias que consideramos importantes para alcançar os objetivos da pesquisa: 1. Aprendizado da língua inglesa e 2. Reafirmação de identidades étnico-raciais. Outras duas categorias surgiram durante nosso percurso de pesquisa e foram também elencadas e discutidas.

A segunda etapa, a de inferência, refere-se à dedução de características do conteúdo analisado. Nossa dedução se deu com base em questões estabelecidas por estudos previamente desenvolvidos na área. Nesse sentido, fomos a todo momento induzidos pelos conceitos, estudos e considerações de outras/os autoras/es.

Na etapa de descrição, enumeramos características evidenciadas pelos dados obtidos, após um tratamento analítico dos dados. Foram utilizados, portanto, prints e imagens captadas durante as aulas, além de relatos obtidos nas entrevistas. Para isso, retornamos repetidamente ao material e aos dados coletados, em um exercício crítico e cauteloso para compreender as nuances que mais se destacaram.

Finalmente, na fase de interpretação, buscamos atribuir um grau de significação mais amplo às categorias analisadas, muito além da simples descrição. Defende Minayo (2022, p.82): "chegamos a uma interpretação quando conseguimos realizar uma síntese entre: as questões de pesquisa; os resultados obtidos a partir da análise do material coletado, as inferências realizadas e a perspectiva teórica adotada" .

Quanto à parte que se refere às questões éticas, Kozinets (2014) conclui que devemos nos atentar às diretrizes relacionadas à conduta de pesquisa observacional e à entrevista com participantes. No nosso caso, fizemos uso de um Termo de Consen-

timento Livre e Esclarecido (TCLE), a fim de respeitar a vontade das/dos participantes de contribuir ou não com a pesquisa, por meio de manifestação expressa. Baseados na resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, que estipula as normas éticas para pesquisas em ciências humanas e sociais, aplicamos o TCLE após esclarecimentos acerca da natureza da pesquisa, sua justificativa, objetivos, métodos, potenciais benefícios e possíveis riscos.

Nosso TCLE foi desenvolvido por meio do *Google Forms*, que foi preenchido por todas/os as/os sujeitas/os que aceitaram ser entrevistadas/os. Através do TCLE, elas/es também puderam definir a forma como gostariam de ser identificadas/os no nosso texto, algo que consideramos de extrema importância em pesquisas decoloniais, pelo fato de considerar a privacidade e individualidades de todas/os envolvidas/os. Algumas/uns optaram pela utilização dos próprios nomes, e outras/os, pelo uso de pseudônimos. Neste artigo, destacamos as falas da Aluna 2 (pseudônimo), da aluna Benedita, e do aluno Renan (que optaram por ter seus próprios nomes utilizados no texto).

De modo geral, durante as entrevistas, realizadas com seis pessoas, incluindo quatro alunas/os, um professor e uma das organizadoras do curso, pudemos nos aproximar diretamente de cada participante, fortalecendo os vínculos de afeto e atenção que estiveram presentes durante todas as etapas da pesquisa e que surgiram como categoria de análise da nossa pesquisa , sendo algo de fundamental importância para as práticas oferecidas pelo curso.

Destacamos que das seis entrevistas, uma foi realizada via *WhatsApp* (a entrevista com a idealizadora do curso), por meio de mensagens de áudio, devido à indisponibilidade de tempo da interlocutora para uma chamada de vídeo pelo *Google Meet*.

A análise dos dados permitiu identificar categorias que se mostraram recorrentes, tanto nas observações realizadas durante as aulas do curso, quanto nas entrevistas. Entre elas, destacam-se o sentimento de aquilombamento e afeto, a reafirmação das identidades raciais e a motivação para a aprendizagem do inglês. Essas dimensões evidenciam aspectos centrais da experiência vivenciada pelas participantes, conforme ilustram os depoimentos a seguir.

> "Eu percebo que são um grupo de pessoas que estão disponibilizando o seu tempo para aquilombar com outras pessoas negras. Eu me sinto muito amada, de verdade. Eu me sinto abençoada e muito amada porque eu percebo nelas que ali eu não só sou uma aluna gerando um número pra gerar mais investimento pra escola, mas um quilombo de muito afeto" (Aluna 2, 2024).

> "Nossa, até com essa questão que eu comecei a deixar o cabelo crescer do nada, e a primeira coisa que o professor já falou, já soltou elogio, ele viu meu cabelo formando cachinhos e já soltou elogio, falou que é isso aí, a gente tem que deixar nossa coroa florescer. Então tava sendo pra mim, eu lembro de um período que foi um período mais de insegurança, que eu cheguei a raspar e falei ´não vou deixar crescer`, mas aí eu deixei e comecei usar trança, e isso parte muito da Odara" (Aluno Renan, 2024).

> "Eu acho que uma das coisas que eu acho que eu mudei muito, foi na pronúncia mesmo né? Mesmo com toda essa dificuldade de audição e tudo, eu melhorei bastante na pronúncia e na coragem de falar…aquela coisa 'ai, eu tenho dificuldade, eu não vou falar'... Eu fiz muito curso de inglês que eu lembro que eu ficava calada, aí tinha que montar uma frase, aí a frase não vinha na cabeça aí né? Eu nunca fui boa, eu era muito boa na prova teórica, nunca fui boa na prova oral. Hoje eu sei que se eu tiver que enfrentar uma prova oral, mesmo com muita dificuldade, eu vou enfrentar mil vezes melhor do que alguns tempos atrás, e com menos insegurança" (Aluna Benedita, 2024).

Por meio dos relatos acima, é possível compreender as nuances que englobam o ensino e aprendizado da língua inglesa decolonial para além da aquisição de competências linguísticas. O depoimento da Aluna 2, por exemplo, destaca que sua motivação e engajamento no curso estão profundamente relacionados à percepção de que a escola constitui um "quilombo de muito afeto", onde os estudantes são reconhecidos para além de sua condição de alunos. Esse reconhecimento rompe com uma lógica colonialista da educação e fortalece a motivação para aprender, uma vez que se baseia em relações de cuidado e valorização da identidade negra.

Já no relato do aluno Renan, nota-se que o ambiente de aprendizagem estudado favorece processos de ressignificação da autoestima e da identidade racial, fortalecendo-as. Isso ocorre por meio de gestos cotidianos que puderam também ser compreendidos durante a fase de observações. Os membros das turmas, chamadas carinhosamente de "realeza", eram sempre motivados pelos professores/as a elevarem sua autoestima, tanto estética quanto intelectual.

Por fim, no depoimento da aluna Benedita, podemos interpretar avanços significativos, especialmente no desenvolvimento da oralidade e da autoconfiança. O ambiente afetivo proporcionado pelo curso possibilita uma maior segurança para tentar, errar e evoluir, o que envolve uma relação melhor com a língua e consigo mesma.

Isso mostra que os aspectos cognitivos e afetivos andam lado a lado em um contexto de ensino decolonial.

Os depoimentos mencionados são apenas alguns dos que foram registrados nas entrevistas, mas também nas observações das aulas. Alunas/os frequentemente demonstraram verbalmente suas satisfações em estudar inglês no projeto da Odara English School, expondo suas evoluções e alegria em se identificar com um ensino que considere suas particularidades e identidades raciais. As entrevistas serviram, portanto, como um complemento do que pôde ser observado durante as aulas e nas interações até mesmo nos grupos de WhatsApp.

(...) Afinal, pudemos compreender que a entrevista semiestruturada "[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...], além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações" (Triviños, 1987, p. 152 *apud* Manzini, 2004).

A etapa de apresentação da pesquisa concretizou-se na escrita da dissertação, e em sua defesa pública, realizada em 2025. A ocasião reuniu a banca examinadora, as/os alunas/os e as organizadoras da *Odara English School*, que acompanharam a apresentação dos resultados e participaram das discussões sobre a pesquisa construída ao longo do processo investigativo.

A representação (apresentação) da pesquisa foi orientada pelos critérios propostos por Kozinets (Ano), que constituem referências para a construção e a comunicação de pesquisas netnográficas e são mobilizados de acordo com as características de cada investigação. Neste estudo, sua adoção considerou as especificidades do campo, os objetivos da pesquisa e as possibilidades que emergiram durante o percurso investigativo.

5 CONCLUSÕES

Por meio da pesquisa netnográfica demonstrada neste artigo, compreendemos que para desenvolver uma abordagem etnográfica decolonial, é preciso considerar muito mais do que os fundamentos epistemológicos e teóricos, mas também os métodos e ações práticas empregados no desenvolvimento da pesquisa.

O olhar etnográfico aplicado ao ambiente virtual, apesar de limitante por ser observado apenas o que é mostrado através das telas, também requer uma atenção às informações subjetivas, que são complementadas com entrevistas e análise de materiais e conteúdos. Embora haja limitações, esse tipo de metodologia, quando aplicada a ambientes educativos, nos possibilita também uma exploração de novas possibilidades

de construção e disseminação do conhecimento. Consideramos de grande contribuição tais abordagens, pois abrangem questões que podem passar despercebidas por outras abordagens metodológicas.

No que se refere às etapas do nosso percurso netnográfico, consideramos que a pesquisa participante nos trouxe a oportunidade de intercâmbio intelectual e cultural entre pesquisadora e indivíduos do grupo pesquisado. Além disso, permitiu que questionamentos acerca das contribuições e princípios reproduzidos em campo fossem elucidados, tanto através das interações e falas, quanto através das ações e reações dos sujeitos. Concluímos também que, dentro de pesquisas netnográficas, as entrevistas contribuíram significativamente para a concretização da interpretação de nuances subjetivas das experiências das pessoas envolvidas, uma vez que foram possibilitadas de expressar suas próprias realidades e compreensões a partir de suas experiências e histórias.

Afinal, respondendo à pergunta de pesquisa: de que modo a abordagem do tipo netnográfica pode contribuir para abordagens decoloniais de pesquisa desenvolvidas em contextos virtuais de ensino e aprendizagem? pudemos compreender que:

1. A pesquisa netnográfica permite a atenção às vozes e categorias dos próprios sujeitos, favorecendo uma construção de conhecimento horizontal, em que os sentidos são construídos com os participantes, e não sobre eles.
2. Valorização dos saberes e práticas subalternizadas: nos ajuda a revelar formas de aprender, ensinar e se comunicar que fogem aos modelos institucionais hegemônicos .
3. Multiplicidade de vozes e modos de expressão: Por acontecer em ambiente virtual, a netnografia possibilita que os sujeitos se expressem por texto, áudio, entrevistas ao vivo, sendo estas formas de comunicação híbridas que muitas vezes escapam aos formatos tradicionais de coleta de dados.

É necessário, portanto, que pesquisas qualitativas nos dias atuais busquem um olhar epistemológico mais abrangente, atualizando e democratizando as diferentes e novas formas de conhecimento, para que não seja reproduzida a mesma lógica colonialista de outros formatos de pesquisa.

Como resultado do processo netnográfico, a pesquisa pode dar origem a um texto construído em parceria com as/os participantes, reconhecendo suas contribuições na produção do conhecimento. Nessa perspectiva, a escrita também se constitui como um espaço de fortalecimento de sujeitos e coletivos historicamente subalternizados, cujas experiências e aprendizagens se desenvolvem em ambientes virtuais.

REFERÊNCIAS

AMADO, Giselly Tiago Ribeiro; FAGUNDES, Isabella Zaiden Zara. ELLA – *Uma proposta decolonial de ensino-aprendizagem de língua inglesa à distância*. In: Anais do CIET/ EnPED (Congresso Internacional de Educação e Tecnologias/ Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância). 2020.

ANDRÉ, Marli. *Etnografia da prática escolar.* CIDADE?: Papirus editora, 2013.

ARRUDA, Ana. *Dissertação* (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades) – PPGECI/UFRPE, Recife-PE, 2025.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico*. 56° ed. São Paulo, Parábola Editorial, 2015.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramon (organizadores). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.* 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução n° 510, de 7 de abril de 2016.* Disponível em chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/ https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/NORMAS-RESOLUCOES/Resoluo_n_510_-_2016_-_Cincias_Humanas_e_Sociais.pdf Acesso em: 15 fev 2024.

CARVALHO, José Jorge de. *O olhar etnográfico e a voz subalterna.* Horizontes antropológicos, v. 7, p. 107-147, 2001.

DULCI, Tereza Maria Spyer; MALHEIROS, Mariana Rocha. *Um giro decolonial à metodologia científica:* apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a América Latina. Revista Espirales, p. 174-193, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes práticos à prática educativa. 76° edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

GARCIA, Isabella. *Educadoras usam cultura afrocentrada para ensinar inglês a mulheres pretas*, *in Uol*, Ecoa, 30 de nov. de 2015. Disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/11/30/educadoras-usam-cultura-afrocentrada-para-ensinar-ingles-a-mulheres-pretas.htm Acesso em: 18 jul 2022.

GEERTZ, Clifford. *Uma Descrição Densa*: Por Uma Teoria Interpretativa da cultura. In: A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 3-21.

INGOLD, Tim. That's enough about ethnography! Hau:Journal of Ethnographic Theory, v. 4, n. 1, p. 383-395, 2014.

KOZINETS, Robert V. *Netnografia*: realizando pesquisa etnográfica online. CIDADE? Penso Editora, 2014.

LAGE, Paula Basto Levay; CAVALCANTE, Patrícia Smith. *Modelos de Processos de Ensino e Aprendizagem de Inglês On-line*: Uma Revisão da Literatura. 2022. Disponível em https://sol.sbc.org.br/index.php/sbie/article/view/22396/22220 Acesso em: 2 fev 2025.

MANGUEIRA, Ana Beatriz da Costa. *A contribuição do pensamento decolonial para o ensino básico e o acadêmico brasileiro*: desafios e perspectivas. In: Congresso Internacional: América Latina: Resgatar a Democracia. Repensar a Integração, XVII. 2019.

MANZINI, Eduardo José. *Entrevista semiestruturada*: análise de objetivos e de roteiros. Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, v. 2, p. 58-59, 2004.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. *Estudo de caso etnográfico. Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 25, n. 2, p. 167-180, 2001.

MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. *On decoloniality*: Concepts, analytics, praxis. Duke University Press, 2018.

MINAYO, Maria Cecília. *Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. Maria Cecília Minayo (org); Suely Ferreira Deslandes; Romeu Gomes. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2016.

MIRANDA, Claudia; RIASCOS, Fanny Milena Quiñones. *Pedagogias decoloniais e interculturalidade*: desafios para uma agenda educacional antirracista. Educ Foco, Juiz de Fora, v 21, n3. Set/Dez 2016, p.545-572.

MIRANDA, Claudia; QUIÑONES RIASCOS, Fanny Milena. Pedagogias decoloniais e interculturalidade: desafios para uma agenda educacional antirracista. *Educ. Foco*, Juiz de Fora, v. 21, n. 3, p. 545-572, set./dez. 2016.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do; BOTELHO, Denise Maria. *O currículo de filosofia brasileiro entre discursos coloniais*: a colonialidade e a educação. 2010.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. *Pesquisa-ação e etnografia*: caminhos cruzados. Pesquisas e práticas psicossociais, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2006.

OLIVEIRA, Amurabi; BOIN, Felipe; BÚRIGO, Beatriz. *Quem tem medo da netnografia?* Revista Contemporânea de Educação, v.3, n.26, jan/abr 2018

PAULA, Ana Paula Paes de; TAVARES, Wellington. A *Netnografia como Possibilidade Metodológica para Estudos no Campo de EAD*. In: XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. Florianópolis. 2014.

PENNYCOOK, Alastair. *English and the discourses of colonialism*. Routledge, 2002.

PERUZZO, C.M.K. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa ação. Estudios sobre las Culturas Contemporáneas, 2016.

PINHO, Osmundo. Etnografia e emancipação: descolonizando a antropologia na escola pública. In BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramon (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. *Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos.* Esferas, n. 3, 2013.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina1*. A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais–Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, p. 117-142, 2005.

QUEIROZ, Leandro. *Decolonialidade e concepções de língua:* uma crítica linguística e educacional. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

REIS, Maria Conceição; SILVA, Joel Severino; ALMEIDA, Gabriel Swahili Sales. Afrocentricidade e pensamento decolonial: perspectivas epistemológicas para pesquisas sobre relações étnico-raciais. Revista Teias, v. 21, n. 62, p. 131-143, 2020.

SILVA, Amanda Eugênia Pereira; SARAIVA, Piedley Macedo. A evolução da educação à distância no Brasil: desafios, oportunidades, e o papel das tics na democratização do ensino superior. Revista Ibero-Americana de Humanidades, *Ciências e Educação*. São Paulo, v. 10, n. 09, set. 2024. Disponível em https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/15480 . Acesso em: 10 fev 2025.

SILVA, José Augusto Souza Gomes; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. *Crescimento do ensino à distância após a pandemia no Brasil.* Revista Ibero-Americana de

Humanidades, *Ciências e Educação.* São Paulo, v. 10, n. 10, out. 2024. Disponível em https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/16300 . Acesso em: 10 fev 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença*: As perspectivas dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

STRECK, Danilo Romeu; ADAMS, Telmo. Pesquisa em educação: os movimentos sociais e a reconstrução epistemológica num contexto de colonialidade. *Educação & Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 243-257, jan./mar. 2012.

TUROLO, Andreia. *Affordances na interação online de aprendizes de inglês na modalidade educação a distância*. 2020. Disponível em https://www.scielo.br/j/ides/a/8bsP4tk4cpsTsnzXwDHv7RJ/?lang=pt . Acesso em: 9 fev 2025.